

Designs, fronteiras e dissidências cosmológicas

Raquel Noronha, Imaíra Portela e Luiz Lagares Izidio
NIDA - UFMA

*Hay tantísimas fronteras
que dividen a la gente,
pero por cada frontera
existe también un puente.*
Gina Valdes

“A terra dá, a terra quer”: o chamado atencional e relacional de Nêgo Bispo (2023) nesta obra, que se revela uma abordagem contundente sobre importantes aspectos da existência coletiva, nos instiga a um caminho de embate com o que ele define por cosmofoobia, a “responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária”, cosmofoobia esta que constrange os seres vivos “à necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade.” (Bispo dos Santos, 2023, p. 27). A cosmofoobia é o “medo”, uma doença para a qual não existe cura, apenas a imunidade.

E em suas reflexões, não apenas teóricas, pois são decorrentes, acima de tudo, de suas vivências – e por isso assumem mais a feição de depoimentos viscerais – Nêgo Bispo segue afirmando: “o que nos imuniza da cosmofoobia é a contra-colonização” (op.cit). O anticorpo é, pois, em seu entendimento, a palavra. Mas não a palavra do colonizador – ele nos convida a semear e fortalecer outras palavras e, para isto, é necessário “transformar a arte de denominar em uma arte de defesa” (op.cit), ou seja, é necessário denominar também. Neste sentido, em contraposição ao humanismo e ao desenvolvimento, na visão de Nêgo Bispo, há a possibilidade da fronteira.

Oportunamente, por ocasião da celebração dos 10 anos do NIDA – Grupo de pesquisas Narrativas em inovação, design e antropologia da Universidade Federal do Maranhão, propomos esta chamada temática com o convite para se pensar a fronteira como *locus* para que processos de designs insurgentes aconteçam, subvertendo a noção de dentro e fora, de inclusão e exclusão, tratando essas fronteiras como instâncias a serem provocadas por cosmologias outras, direcionando-nos ao pensar em fluxos, em movimentos.

Gloria Anzaldúa (1987), em sua obra *Borderlands/La Frontera*, conceitua a fronteira e quem a habita: “Uma área de fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. Ela está em um constante estado de transição. Os proibidos são seus habitantes. ‘Los atravessados’ vivem aqui: os de olhos vinhos, os perversos, os *queer*, os problemáticos, os mestiços, os mulatos, os meio-sangues, os meio-mortos; em suma, aqueles que cruzam, passam ou atravessam os limites do ‘normal’.” (Anzaldúa, 1987, p.3, tradução nossa). A ideia de passagem e movimento entre um lugar e outro, considerado

norma, nos é extremamente inspirador, enquanto posicionamento epistemológico. Ao assumirmos designs de/na fronteira, estamos propondo a ampliação, fricção, superação mas também a coexistência e embates com o cânone do design positivista e suas afiliações nefastas para a insustentabilidade planetária.

E continuamos com Anzaldúa, pelas ambiguidades que a fronteira nos conduz: uma consciência de fronteira seria “uma confluência de duas ou mais correntes genéticas, com os cromossomos constantemente se ‘cruzando’, essa mistura de raças, em vez de resultar em um ser inferior, fornece uma progênie híbrida, uma espécie mutável e mais maleável com um rico *pool* genético. A partir dessa polinização cruzada racial, cultural e biológica, uma consciência ‘alienígena’ está atualmente em formação – uma nova consciência mestiça, uma consciência de mulher.” (Anzaldúa, 1987, p.77, tradução nossa).

A partir do devir *la mestiza*, somos incentivadas a encarar a fronteira como espaço que inclui e ao mesmo tempo exige posicionamento crítico para estar ou aceitar a permanência dos nossos outros. Nas palavras da autora, “somente permanecendo flexível é possível expandir a psique horizontal e verticalmente. *La mestiza* precisa sair constantemente das formações habituais; do pensamento convergente, o raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um único objetivo (um modo ocidental), para o pensamento divergente caracterizado pelo afastamento de padrões e objetivos definidos em direção a uma perspectiva mais completa.” (op.cit, p.79).

Neste sentido, propomos que a fronteira seja um *locus* físico e também simbólico de demarcação da divergência, um espaço de embate e fricções, como anteriormente conceituamos a partir da ideia de um plano comum, um plano de diálogos e de dissidências (Noronha, 2018). Que seja um campo de ação, não apenas de forma conceitual, como em uma abstração geométrica que delineia com pontos, linhas e planos, mas como campos de jogos, de batalhas ou magnéticos, com corpos, forças, linhas de vidas, chão, texturas que dão às vidas ali presentes a possibilidade de serem e estarem conforme suas visões de mundo, trazendo suas narrativas outras.

O resultado deste convite culminou nesta seleção de treze textos que, em nossa proposta editorial, apresentam-se em três abordagens sobre o tema: epistemologias de fronteira, fronteiras anti-disciplinares e práticas fronteiriças. Cada uma delas traz questões que habitam os pensamentos das autoras que nos inspiram sobre o que é e o que podem ser designs de/na fronteira, e organizamos os artigos seguindo este fluxo de reflexões, e não caracterizam uma divisão física deste número temático, apenas uma linha de leitura.

Inicialmente, as epistemologias de fronteira, que tratam do transbordamento da epistemologia rumo às ontologias, às formas de vidas, saberes e fazeres, para além da racionalidade moderna. A contenção sempre foi a tônica da visão moderna de design (Noronha, 2020) e o que sobra deste processo causa assombro e medo, como monstros e fantasmas com os quais nunca quisemos alianças (Tsing *et al.*, 2017), sob a égide da cosmologia positivista. O espaço de fronteira – o design de/na fronteira – pode ser assustador, da mesma forma, porque não é um lugar pacificado. É espaço de turbulência, luta e especulação, sendo a potência desta instância aquilo que possibilita que outros cosmoentres e imaginações emerjam.

No primeiro artigo, “História Potencial encontra *Dysphoria mundi*: aprender para desaprender um outro olhar”, Rafaela Travassos Sarinho evoca os pensamentos e as biografias autores dos dois textos aludidos no título – Ariella Aïsha Azoulay e Paul B. Preciado, respectivamente – para propor novas escritas de mundo promovendo rupturas e propondo torções e disputas nos campos do visível e do discurso, com o questionamento de categorias que nos parecem “naturais”, tratando de tema fundamental na construção epistemológica do design, a linguagem.

Em seguida, apresentamos “Design arruinado: o que pode uma rachadura?”, de Bianca Navega, Carlos Eduardo Félix da Costa e Denise Berruezo Portinari, acionando a condição climática planetária e seus impactos para a reflexão sobre a falha, o dano e a impermanência como ferramentas críticas, desafiando ideais de progresso, além de conceituar a ideia de rachadura como possibilidade criativa para os campos do design e da arquitetura, questionando os excessos de capitalismo e o Antropoceno.

O segundo bloco de textos dialoga com a abordagem que denominamos fronteiras anti-disciplinares. A partir do pensamento ingoldiano (2018), acionamos a anti-disciplinaridade não como uma oposição às disciplinas em si, mas como o entendimento que, na construção do conhecimento, o fluxo das pesquisas e das vidas em correspondências se move para além das disciplinas tradicionais positivistas. Neste sentido, pensar os conhecimentos amplamente subverte a disciplinaridade e amplia os debates *mestizos*, em diálogo com Anzaldúa (1987). Na abertura desta apresentação evocamos a poesia de Gina Valdes (1996) e entendemos os conhecimentos em suas múltiplas dimensões, como as pontes que entremeiam as divergências fronteiriças.

Esta sequência de textos é aberta pelo artigo “Correspondências Poéticas e Metodológicas entre Arte e Design na criação do livro (de artista) *Noturnal*”, no qual Irene de Mendonça Peixoto aborda como as relações entre materiais, ferramentas e ideias orientam as práticas criativas, ampliando o entrelaçamento entre percepção e imaginação na tangibilização poética e estética. Improvisação, experimentação, sensação e técnica são conceitos que se atravessam nos processos criativos, gerando ações colaborativas que integram teoria e prática, natureza e artifício, em busca de um design mais próximo da arte.

A seguir, Cristiany Soares e Daniela Novelli discutem, em seu artigo “Criativos negros periféricos do Rio de Janeiro: vozes ativistas como base para táticas em arte, moda e design”, a valorização das culturas negras e periféricas do Rio de Janeiro por meio de ações de cunho ativista. Abordam o papel das tecnologias como alternativas para que sujeitos historicamente marginalizados enfrentem a colonialidade nos campos criativos, baseadas nas táticas de ciberativismo, quilombismo e afroempreendedorismo.

Continuando as reflexões, no artigo “Bancos Indígenas no Museu: aproximações entre a mostra “Bancos Indígenas do Brasil” e o Marco Referencial do Museu Oscar Niemeyer”, as autoras Thabata Janine Buse Pinheiro e Yasmin Fabris discutem política curatorial em um acervo cujas dimensões rituais e simbólicas são continuamente cerceadas para se enquadrarem em espaços hegemônicos. As autoras refletem, ainda, sobre as políticas institucionais museais neste trânsito de valores e de significados dos objetos que exibem.

No terceiro bloco, práticas fronteiriças, apresentamos artigos que propõem uma realocação da fronteira, de um lugar que delimita os espaços, divide e marca a diferença, para um espaço que se constitui como campo de ação e da práxis. Em diálogo com Nêgo Bispo (2023), revelam a fricção da fronteira como uma possibilidade de prática contracolonial, tensionando o espaço entre os “diversais” e os colonizadores. Nesse sentido, a fronteira não é um lugar estável e cômodo, mas de conflitos e ressemantizações, a abrir caminhos para o dissenso, com repercussão nas dimensões política e epistêmica, envolvendo todos que participam de um projeto, de uma pesquisa, de uma ação.

Começamos este bloco com o artigo “Espaços de resistência, afeto e construção: confluências do design em pesquisas com mulheres e crianças”, no qual as autoras Tatiana de Castro e Souza, Gabriela Corrêa Frossard, Marcelina das Graças de Almeida e Vitoria Regia Izau evidenciam práticas comunitárias e afetivas para a construção de espaços de resistência e produção de saberes, reafirmando o papel do design como meio crítico e situado na valorização da vida cotidiana, atuante, na promoção de uma educação emancipatória articulando gênero, raça e infância em territórios marcados por desigualdades estruturais.

A seguir, Gabriela Corrêa Frossard e Edson José Carpintero Rezende, no artigo “Fomos descobertos: um olhar do design sobre o processo de re(a)ver territórios de moradia no Brasil”, articulam a cidade como um lugar de fronteira, de abertura ao dissenso e disputa de maneiras de existir, de projetar, se organizar em sociedade e abordam a ocupação urbana como forma de reaver territórios.

Já no texto seguinte, “Devassos no paraíso: reflexões sobre a historiografia do design gráfico a partir da análise do uso das imagens”, os autores Julio Teodoro da Costa e Ronaldo de Oliveira Corrêa friccionam a fronteira das narrativas lineares sobre as histórias do design gráfico brasileiro e da homossexualidade brasileira, propondo outras maneiras de produzir relatos históricos.

Em, “Brincadeiras Cosmopoiéticas: design de estratégias para saúde e criatividade”, as autoras Roberta Rech Mandelli e Ione Maria Ghislene Bentz visam à promoção de saúde como expansão dos sujeitos a partir das brincadeiras cosmopoiéticas. Estas criam condições para processos de significação que valorizam a saúde e a criatividade. A proposta é que sujeitos saudáveis sejam capazes de expandir-se criativamente por meio de diferentes recursos linguísticos tecendo, assim, suas relações com os outros e com o mundo.

No artigo “Designs outros, a potência dos livros cartoneros”, Marina Sirito, Carolina Noury e Barbara Peccei Szaniecki associam as crises que vivemos ao projeto de desenvolvimento que orienta a atividade do design desde seu surgimento. Para enfrentá-las, propõem um design outro voltado para o envolvimento e a prática cartonera como alternativa de projeto de design comprometido com a vida e com o (re)encantamento do mundo.

Em “Moda e corporeidade no espaço universitário criando diálogos com o “corpo discente” por meio do design participativo”, Naissa Silva Costa e Raquel Noronha acionam bonecas de papel como dispositivos de conversação para investigar como as relações entre moda e corporeidade afetam estudantes de Design da UFMA, considerando as diferentes posicionalidades e relações de poder presentes no ambiente universitário, especialmente as de gênero. Neste processo,

nos ajudam a pensar as potencialidades do design participativo na promoção do diálogo entre múltiplas perspectivas.

“A produção de contravisualidades no desfile da marca Sioduhi Studio no evento Brasil Eco Fashion Week 2023”, texto de Carina Seron da Fonseca, Washington Pinto Rêgo Filho e Ana Bugnone analisam como o desfile “Amõ Numiã: Ontem, Hoje e Amanhã”, do criador indígena de moda autoral Sioduhi Pyratapuya e apresentado em 2023 pela Sioduhi Studio na 7ª edição do Brasil Eco Fashion Week, pode ser compreendido como meio de produção de “contravisualidades” a partir de uma perspectiva decolonial, frente aos padrões hegemônicos da moda em eventos tradicionais.

Para encerrar, em “Domesticidades ciborgues: habitar entre as fronteiras durante o isolamento social da COVID-19”, Paula Lemos Vilaça Faria e Marcela Silviano Brandão Lopes nos convidam a discutir a tensão entre os limiares físicos e digitais no morar durante a pandemia de COVID-19 (2020 a 2023), repensando a domesticidade e a produção do espaço doméstico, além de se propor a reescrever os significados da domesticidade a partir do diálogo com Donna Haraway, Pierre Dardot, Christian Laval e McKenzie Wark.

Nós do NIDA – Grupo de pesquisas Narrativas em inovação, design e antropologia da Universidade Federal do Maranhão, celebramos com muita felicidade o fechamento desta chamada temática e agradecemos a quem se dispôs a dialogar conosco nessas escritas, elaborações teóricas, partilha de experiências e práticas. Agradecemos a equipe editorial da Arcos Design por possibilitar essa edição e aos pareceristas pelo cuidado e leitura atenta dos artigos. Na certeza de um novo ciclo, “começo, meio, começo” (Bispo dos Santos, 2023), continuamos e nos situamos atencional e relacionalmente também na fronteira de nossos afetos – ou de como nos deixamos afetar por todas as forças que estão em jogo em nossos campos de ação. A quem compartilha conosco este chamado, desejamos uma boa leitura, que ela possa te envolver e te fazer voltar à terra, assim como conclama Nêgo Bispo.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands - La frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

BISPO DOS SANTOS, Antônio [Nêgo]. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora (coedição Piseagrama), 2023.

INGOLD, Tim. **Anthropology and/as education**. London: Routledge, 2018.

NORONHA, Raquel. **Dos quintais às prateleiras: as imagens quilombolas e a produção da louça em Itamatatua – Alcântara – Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2020.

NORONHA, Raquel. The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomía in design. In: **Strategic Design Research Journal**, Unisinos, vol. 11, n. 2, 2018, p. 125-135, (May-August).

VALDES, Gina. **Puentes y fronteras**. Tempe: Bilingual Review Press, 1996.

TSING, Anna et al. (eds.). **Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.